

# O PAPEL SOCIAL DA MULHER NA FAMÍLIA: REFLEXÕES NA CONTEMPORANEIDADE

THE SOCIAL ROLE OF WOMEN IN THE FAMILY: REFLECTIONS ON CONTEMPORANEITY

*EL ROL SOCIAL DE LA MUJER EN LA FAMILIA: REFLEXIONES EN TIEMPOS CONTEMPORÁNEOS*

Aline Aparecida da Cunha de Brito<sup>1</sup>  
Ana Cristina Martins Machado<sup>2</sup>  
Cleci Elisa Albiero<sup>3</sup>

## Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão a respeito do papel social da mulher no núcleo familiar e na sociedade contemporânea e analisa o lugar que o feminino tem ocupado nas mídias sociais, especificamente em letras de músicas visualizadas por milhões de usuários da internet. A discussão se torna relevante porque, em pleno século XXI, há uma grande desigualdade de gênero, fomentada pelo sistema capitalista, no que tange ao mercado de trabalho, com a consequente jornada dupla e tripla enfrentada pelas mães trabalhadoras. O estudo fundamenta-se em pesquisa teórico-bibliográfica, realizada por meio de textos sobre a construção socio-histórica da mulher, sobre a concepção de família e na articulação dessas duas linhas de debate.

**Palavras-chave:** mulher; família; gênero.

## Abstract

This paper proposes a reflection on the social role of women in the family and in contemporary society and analyzes the place that the feminine has occupied in social media, specifically in song lyrics viewed by millions of internet users. The discussion becomes relevant because, in the 21st century, there is a great gender inequality, fostered by the capitalist system, regarding the labor market, with the consequent double and triple journey faced by working mothers. The study is based on a theoretical and bibliographical research, carried out through texts about the socio-historical construction of women, about the conception of family and the articulation of these two lines of debate.

**Keywords:** woman; family; gender.

## Resumen

Este trabajo propone una reflexión sobre el papel social de la mujer en el núcleo familiar y en la sociedad contemporánea y analiza el lugar que ocupa lo femenino en las redes sociales, específicamente en letras de canciones seguidas por millones de internautas. La discusión cobra relevancia porque, en pleno siglo XXI, existe una gran desigualdad de género, impulsada por el sistema capitalista, con respecto al mercado de trabajo, con la consecuente doble y triple jornada que enfrentan las madres trabajadoras. La presente investigación teórica y bibliográfica se fundamenta en un análisis de textos sobre la construcción sociohistórica de la mujer, la concepción de familia y la articulación de estas dos líneas de debate.

**Palabras-clave:** mujer; familia; género.

---

<sup>1</sup> Assistente Social. Discente de Sociologia no Centro Universitário Internacional Uninter. Discente em Pós-graduação em Gestão Social pelo Instituto Federal do Paraná. Pesquisadora Bolsista Integral no Projeto de Pesquisa O Trabalho de Portfólio no Curso de Serviço Social como Processo Avaliativo e a Relação com a Formação Profissional no Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: aliinebrito40@gmail.com

<sup>2</sup> Historiadora, graduanda em serviço social e pesquisadora da Uninter. E-mail: cricamartinsmachado@gmail.com

<sup>3</sup> Assistente Social, professora e pesquisadora do Curso de Serviço Social da Uninter. E-mail: clecielisa.albiero@gmail.com

## 1 Introdução

O papel social da mulher, ao longo da história, vem se modificando de acordo com os interesses dominantes de cada época. A igreja católica, em tempos medievais, teve papel decisivo na execução de centenas de mulheres acusadas de bruxaria, reafirmando no contexto da época a figura da “Eva sedutora” a serviço do demônio (FEDERICI, 2017).

A partir do período renascentista, a religião deixa de ser o centro da vida em sociedade. Os artistas se preocupam em apresentar o homem como centro do universo (antropocentrismo) e a relação que ele estabelece com a natureza. Valorizam a harmonia e o equilíbrio, elementos considerados importantes durante a antiguidade clássica. Relevante exemplo, nesse cenário, é a imagem da virgem Maria, retratada no século XIV por Michelangelo, em *La Pietá*.<sup>4</sup>

A situação da mulher, no Renascimento, apesar de uma melhora no sentido da consideração social, não mudou de forma expressiva. Devia, como antes, trabalhar em casa ou nos campos e cuidar de sua família. Devia ser recatada e modesta, portadora de uma fé inabalável, seguindo os ditames da religião cristã. Só recentemente, no ano de 2016, o Papa Francisco canonizou Maria de Magdala (Madalena), tornando-a “apostola Apostolorum”, a apóstola dos apóstolos, em uma ruptura com a percepção anterior. Magdalena é conhecida nas escrituras bíblicas como prostituta e a primeira testemunha da ressurreição de Jesus Cristo<sup>5</sup>.

O estereótipo de “mãe cuidadora e zelosa pelo lar” só se modifica depois do período que abrange as duas grandes guerras mundiais. A dirigente comunista da guerra civil espanhola, Dolores Ibárruri, em discurso datado de 19/07/1936, assim convocava as mulheres para a luta armada: “Mulheres, heroicas mulheres do povo! [...] lutem ao lado dos homens para defender a vida e a liberdade de seus filhos, que o fascismo ameaça!”<sup>6</sup>

Essas breves considerações históricas evidenciam que, de acordo com os interesses da religião e do Estado, a figura feminina se amolda às regras do “poder masculino”, que confere “à bruxa ou à santa” o lugar que lhe convém de dominação e violência, apropriando-se do poder de decisão sobre seus corpos. Essas mudanças históricas, que tiveram o seu auge no século XIX, com a criação da figura da dona de casa em tempo integral, redefiniram a posição das mulheres na sociedade e com relação aos homens.

A divisão sexual do trabalho que emergia daí não apenas sujeitou as mulheres ao

---

<sup>4</sup> A escultura *Pietá*, feita pelo renascentista Michelangelo, é uma das mais belas e impressionantes obras de arte do ocidente e uma das mais conhecidas do autor. Produzida em mármore em 1499, o trabalho possui 174 X 195 cm. Nele, o artista representa a cena bíblica em que a virgem Maria segura em seus braços o Cristo — seu filho — já sem vida. Esse tema cristão é chamado de *Pietá*, que em italiano significa “piedade”. A cena está relacionada a Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora das Dores. A escultura está localizada na cidade do Vaticano, na Basílica de São Pedro (AIDAR, c2021-2023, n. p.).

<sup>5</sup> Fonte: Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <https://www.ihu.inisinos.br>.

<sup>6</sup> *No Pasarán!* Discurso de Dolores Ibárruri, pronunciado em 19 de julho de 1936.

trabalho reprodutivo, mas também aumentou sua dependência, permitindo que o Estado e os empregadores usassem o salário masculino como instrumento para comandar o trabalho das mulheres (FEDERICI, 2017, p. 145-146).

Historicamente, as mulheres são vinculadas às transformações sociais da sociedade patriarcal, logo, seu papel e função social se modificam de acordo com o movimento social de cada época, mas sempre na perspectiva da mudança promovida pelos homens. Dessa forma, o presente artigo visa buscar construir uma análise histórica e datada do papel social da mulher na contemporaneidade, buscando como base fundamental diversos contextos e pontos de ruptura na reconfiguração desse papel.

O desenvolvimento deste trabalho não se baseia exclusivamente na análise da trajetória percorrida historicamente pelas mulheres e suas conquistas sociais, tampouco se limita a discorrer sobre o lugar que ocupa no ambiente familiar e no mercado de trabalho, mas nos espaços de atuação que ainda precisam ser conquistados para que haja oportunidades iguais em meio ao “capitalismo selvagem”, cada vez mais exigente e acirrado.

As reflexões propostas neste trabalho buscam analisar o papel social da mulher na contemporaneidade; exigem entender também o contexto social no qual está inserida, motivado e orientado de acordo com as regras capitalistas, com as relações políticas, a alienação no trabalho e o aumento significativo da violência nas suas mais diversas manifestações, em especial o feminicídio. Trata-se de um contexto hostil e trajado de diversas expressões da questão social.

A proposta metodológica orienta-se pela pesquisa bibliográfica, por meio da consulta de livros e artigos científicos publicados em revistas reconhecidas na área em estudo.

Para fins didáticos, este trabalho está organizado em três partes. A primeira apresenta reflexões breves a respeito das concepções de família na linha do tempo da sociedade até a contemporaneidade; a segunda reflete sobre o papel social da mulher, visando a quebra de paradigmas existentes na sociedade; a terceira discorre a respeito da visão do feminino em letras de duas canções bastante conhecidas pelo público brasileiro.

## **2 Concepções de família: breves reflexões**

Inúmeros conceitos permeados por controvérsias definem o que vem a ser família. Intensamente estudada e problematizada em suas formas e funções, a família ainda é um tema em construção, com multiplicidades de conceitos e critérios que a definem.

As tentativas de estabelecer uma definição, no âmbito da Sociologia, da Antropologia,

do Direito ou em outras áreas do conhecimento, partem do pressuposto de que o conceito/definição de família nem está definido, nem esgotado.

Portanto, objetiva-se apresentar alguns autores e teorias sobre o conceito em construção. Não pretendemos estabelecer conceitos, mas tecer reflexões sobre o que já se disse sobre o tema. Conforme a conceituação clássica de Lévi-Strauss (1972), o termo família é usado para definir um grupo social originado no casamento, constituído por marido, esposa e pelos filhos provenientes da união, com membros devidamente unidos por laços legais, direitos e obrigações econômicas, religiosas e outras, com uma variedade de sentimentos psicológicos, tais como amor, afeto, respeito e medo. Para o autor, a família se configura a partir de três tipos de relações: aliança entre o casal (casamento ou legalização conjugal), filiação e consanguinidade.

De acordo com Minuchin (1982), autor da teoria sistêmica, a “família é uma unidade social que enfrenta uma série de tarefas coletivas”. Segundo o autor, “essa unidade funciona como matriz de desenvolvimento psicossocial de seus membros”.

De acordo com Osório (2002, p. 15), é “uma unidade grupal na qual se desenvolvem três tipos de relações pessoais: aliança (casal), filiação (pais/filhos) e consanguinidade (irmãs)”. Segundo o autor, a partir dos objetivos genéricos de preservar a espécie, nutrir e proteger a descendência e fornecer-lhe condições para aquisição de suas identidades pessoais, a família desenvolveu através dos tempos funções diversificadas de transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturais.

Os autores acima concebem a família como uma constituição entre homens, mulheres e seus filhos, desconsiderando as novas formas e configurações familiares e de relações afetivas que integram a sociedade contemporânea.

Em contraponto às definições citadas, Strey (2007, p. 18) afirma que a discussão generalizada sobre a família indica que não há uma maneira única de considerá-la. A autora pensa que seja o resultado de uma associação entre pessoas, com a finalidade de constituírem a sua vida privada, não em oposição à vida pública, mas como complemento a ela.

As constituições familiares perpassam por diversas mudanças sociais, de acordo com os eventos propostos em cada momento. Conforme o contrato social vigente, a percepção sobre o conceito e definição de família se altera. Atrelado a esse processo, Corrêa (1994, p. 15) ressalta que, no Brasil, a história da família vem sendo contada através de um determinado modelo, o patriarcal, “um tipo fixo onde personagens, uma vez definidos, apenas se substituem no decorrer das gerações”. Em linhas gerais, este é o retrato construído através do tempo. “Este é o modelo tradicionalmente utilizado como parâmetro [...], todos os outros modelos de organização familiar aparecendo como subsidiários dele, de tal forma inexpressivos que não

merecem atenção” (CORRÊA, 1994, p. 15).

Segundo Miotto (1997, p. 120), família é o “núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar, durante um lapso de tempo mais ou menos longo [...] se achem unidas (ou não) por laços consanguíneos”.

Dessas concepções, infere-se que família não é um conceito unívoco, não é passível de padronização, conceituação ou definição única, mas de descrição para seguir uma linha de raciocínio ou para realizar uma determinada análise.

### **3 O papel da mulher na família e na sociedade contemporânea**

Para além de fatos que determinam historicamente o papel da mulher na sociedade, neste ponto, objetiva-se aproximar o leitor de alguns acontecimentos marcantes que levam à constituição do papel social da mulher, tal como se encontra hoje.

Diferentes sociedades, em diferentes contextos possuem valores e crenças nos quais homens e mulheres estão envolvidos de forma distinta. Historicamente, a civilização ocidental, assim como muitas outras culturas, baseou-se em sistemas filosóficos, sociais e políticos em que os homens — pela força, pressão direta ou através do ritual, tradição, lei, linguagem, costumes, etiqueta, educação e divisão do trabalho — determinam que papel as mulheres devem ou não desempenhar (PRIORE, 2006).

Na sociedade ocidental do século XIX, o homem era responsável pela atividade econômica exercida fora do lar, ao passo que à mulher cabia apenas o espaço doméstico e a responsabilidade de cuidar e educar os filhos (PRIORE, 2006, p. 250).

A Revolução Francesa impactou significativamente a história das mulheres. No século XIX já existiam alguns movimentos de mulheres em prol dos direitos trabalhistas, da igualdade da jornada de trabalho entre homens e mulheres e, principalmente pelo direito ao voto (PINSKY; PINSKI, 2003).

Mas somente após a Revolução Industrial, no século XIX, boa parte da mão de obra foi ocupada por mulheres; essa mão de obra foi transferida para as fábricas, na perspectiva de entender que o trabalho doméstico se desvinculou do trabalho remunerado. As lutas entre homens e mulheres trabalhadores têm início, uma vez que estes as acusavam de ocupar seus postos na produção fabril. Houve uma mudança no papel social da mulher quando eclodem a I e a II Guerra Mundiais. Os homens vão para a frente de batalha e as mulheres se vêem obrigadas a saírem de seus lares, pois precisavam trabalhar nas funções de seus maridos para o sustento da família.

A reconstrução do papel social da mulher se deu quando ela passou a buscar reconhecimento de sua cidadania e participação na definição de políticas públicas, principalmente na inserção ao mundo do trabalho. A incorporação da mulher na vida pública partiu da necessidade de se ter melhores condições laborais. Estando no mercado de trabalho, havia necessidade de se ter um aparato social para a guarda dos filhos. Assim, têm início as reivindicações por creches e escolas, que inicialmente eram ofertadas em poucos bairros e, principalmente nas igrejas (PRIORE, 2006).

O século XX foi, sem dúvida alguma, importante para o movimento feminista, já que teve muitas de suas reivindicações atendidas, ainda que com muitas lutas. As primeiras lutas pela emancipação e liberação das mulheres, conhecidas como a primeira onda do feminismo, permitiram a participação política e a oposição a governos autoritários. Os avanços alcançados na jornada percorrida pelos movimentos das mulheres estão presentes em quase todos os segmentos da sociedade. Em razão disto, os paradigmas que fundamentam e sustentam a igualdade entre os sexos passam por uma profunda transformação, sendo de grande importância o papel da mulher na conquista de uma nova identidade feminina, mais participativa e socialmente engajada (PRIORE, 2006).

Segundo D'Alonso (2008), o mercado de trabalho para a mulher estruturou-se, em suas origens, como uma extensão do trabalho doméstico. Dessa forma, algumas áreas foram mais privilegiadas, como saúde, educação e assistência social. A história da mulher no contexto organizacional, social e familiar vem passando por importantes transformações e cresce consideravelmente nas sociedades contemporâneas. Atualmente, o trabalho doméstico passa a ser dividido com os homens. As mulheres estão ocupando postos no topo das grandes empresas, em organizações de tecnologia, nos ministérios, na política, em todos os segmentos societários. Assim, a partir destas transformações, as questões de gênero emergem com maior intensidade, visto que as organizações têm procurado diversidade na formação de seus quadros de pessoal, para promover a criatividade e flexibilidade em seus produtos e processos.

#### **4 O estereótipo da beleza feminina na perspectiva midiática: uma análise a partir da cultura musical**

A construção do estereótipo feminino se reproduz em vários setores de nosso meio social. É interessante observar que a visão dos atributos femininos nas letras de determinadas músicas se restringem aos aspectos que remetem à beleza, juventude e à arte da sedução. Essa visão não está restrita às letras produzidas ou cantadas por homens, mas por mulheres que

atingiram sucesso nas mídias sociais do mundo inteiro.

A composição musical de Otacílio Batista e Zé Ramalho, lançada em 1982, intitulada *Mulher Nova, Bonita e Carinhosa, Faz o Homem Gemer sem Sentir Dor*, faz alusão a grandes figuras femininas conhecidas na história mundial, entre elas a tebana Roxana, à qual a canção, em sua segunda estrofe, assim se refere:

Alexandre figura desumana/ Fundador da famosa Alexandria/ Conquistava na Grécia e destruía / Quase toda a população tebana/ A beleza atrativa de Roxana / Dominava o maior conquistador / E depois de vencê-la, o vencedor / Entregou-se à pagã mais que formosa / Mulher nova, bonita e carinhosa, faz o homem gemer sem sentir dor.

O historiador Plutarco se refere da seguinte forma ao enlace entre Roxana e Alexandre: “Quanto ao seu casamento com Roxana, cuja juventude e beleza haviam cativado Alexandre em uma recepção, onde ele a viu pela primeira vez dançando, foi de fato um casamento por amor” (SILVA, 2006, p. 16-23).

Tanto na letra da música de Otacílio Batista e Zé Ramalho, como no relato do historiador Plutarco, é inegável a exaltação do modelo estereotipado feminino. Poderíamos pensar que, por se tratar de “vozes” masculinas, a concepção não poderia ser diferente. Porém, a propagação da imagem da mulher-objeto é muitas vezes reproduzida pelo gênero feminino, em uma corrida desenfreada nas mídias sociais por “likes” e seguidores, citando apenas o mercado fonográfico como exemplo. De acordo com o blog do jornalista Amaury Jr, o grande acontecimento que marcou o dia 19 de dezembro de 2017 foi o lançamento da música funk<sup>7</sup> *Vai Malandra*, de Anitta, com a participação de funkeiros e de um rapper americano, produzido por Terry Richardson que, conforme afirma o blog *Toda Matéria*, acumula denúncias de assédio sexual no currículo. Em 24 horas de lançamento no Brasil foram mais de 13 milhões de visualizações. “Vai Malandra é a melhor estreia brasileira do youtube na história”, afirma o jornalista (“VAI MALANDRA”, 2017).

Diferentemente da forma poética como a sedução é tratada na música de Zé Ramalho e Otacílio Batista, a versão funkeira de Anitta, para a “exaltação dos atributos femininos”, é mais direta e, pelo que os números apontam, está mais “ao gosto popular” tanto de homens como de mulheres.

---

<sup>7</sup> Funk no Brasil - O funk chega ao Brasil nos anos 1970 e conquista músicos como Tim Maia (1943-1998) e Tony Tornado (1970). Nos anos 90, com o aumento da violência urbana e a invasão das favelas por forças policiais, as letras passaram a contar esta realidade. O funk também foi usado para pedir direitos civis, como está claro em *Eu só quero é ser feliz*, de MC Cidinho e MC Doca. A partir do século XXI, as letras de funk tornaram-se cada vez mais apelativas e erotizadas. Abandonaram a estrutura de estrofe e refrão para se resumir a frases de efeito como vemos em *Atoladinha*, de Bola de Fogo e Tati Quebra-Barraco; ou *Só as cachorras*, do Bonde do Tigrão. Atualmente, o funk se divide em vários gêneros como funk melody, funk ostentação, funk proibidão e new funk (BEZERRA, c2021-2023, n. p.).

É interessante notar que a pesquisadora brasileira Jaqueline Góes de Jesus, que liderou o sequenciamento do genoma de uma variante do COVID-19 em menos de 48 horas após a confirmação do primeiro caso no Brasil, e que foi destaque em vários meios de comunicação, inclusive no canal da CNN Brasil, no dia 4 de agosto de 2021, atingiu apenas 3,9 mil visualizações no canal do veículo no Youtube (NEUMAM, 2021). O feito da cientista inspirou até mesmo a criação de uma boneca Barbie em sua homenagem, porém não foi capaz de inspirar “o gosto popular” brasileiro.

O Brasil ainda possui um alto índice de analfabetismo. Segundo a Pesquisa Nacional de Domicílios por Amostra Contínua (BRASIL, 2019), a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais foi estimada em 6,6% (11 milhões de analfabetos). O baixo índice de escolarização reflete-se muito no nosso comportamento cotidiano e, conseqüentemente, na nossa maneira de selecionar entretenimento.

De acordo com Saffioti (2001), a violência contra a mulher é um fenômeno social que envolve múltiplos fatores, entre eles a educação, que necessariamente cria elementos culturais. Esses elementos culturais machistas são reflexo do baixo índice de escolarização da população brasileira. Por essa razão, converge com o discurso dominante do sistema capitalista, que promove o condicionamento do corpo feminino a padrões estéticos facilmente observados através das vitrines das lojas de roupas, pela indústria de cosméticos e pela indústria cinematográfica.

Essa idealização do feminino cria uma espécie de “violência simbólica”, definida por Bourdieu como “crenças que são fabricadas no processo de socialização, que induzem o indivíduo a se enxergar e a avaliar o mundo de acordo com critérios e padrões definidos por alguém” (BOURDIEU, 2002, p. 47). Mesmo nos dias atuais, o homem ainda é visto como o chefe de família, o provedor do sustento da casa e a mulher como aquela que precisa se responsabilizar pela educação dos filhos e, mesmo depois da maternidade, necessita manter o padrão estético do início do relacionamento afetivo.

São muitas as formas de violência de gênero: as desigualdades salariais; o assédio sexual no trabalho; o uso do corpo da mulher como objeto nas campanhas publicitárias; o tratamento desumano que muitas recebem nos serviços de saúde. Todas representam uma violação aos direitos humanos e atingem a cidadania das mulheres. A violência de gênero, também conhecida como violência doméstica e sexual, aí incluídos o assédio moral e sexual e o tráfico nacional e internacional de mulheres e meninas é ainda mal dimensionada, necessitando maiores investimentos em pesquisas e medidas legislativas e jurídicas adequadas (BRASIL, 2003, p. 9).

Compreender como o feminino é tratado no cotidiano das relações é deveras importante,

de acordo com a proposta contida neste trabalho para reflexão. A arte, especialmente na forma fonográfica tratada neste trabalho, é bastante democrática e penetra os mais remotos ambientes domésticos, independentemente do padrão de vida econômico da família.

A repetição das estrofes das letras de canções invade as mentes e corações de adolescentes, jovens e adultos, abrindo brechas para o exercício da violência e do desrespeito contra a mulher, tão marcantes no momento contemporâneo. Além disso, “embalam” a trilha sonora do terror que o feminicídio causa no cenário atual, pois a mulher que é reconhecida como “cachorra” nas letras de funk, tem que ser adestrada, contida e subjugada.

Essa subjugação remonta tempos que infelizmente não são imemoriais; de acordo com Veroneze (2022, p. 38), “a naturalização do sentimento de posse do escravismo e do tráfico negreiro, ainda hoje, alimentam as violências impostas às mulheres”. A violência brutal contra elas durante a passagem do feudalismo para o capitalismo na Europa produziu a “caça às bruxas” e está relacionada, segundo Silvia Federici (2017), com a criação de um novo sistema econômico forjado na escravidão, na colonização e na exploração e dominação do corpo, em especial o feminino que, nos tempos atuais, assume novas perspectivas.

Urge, dessa forma, que o amplo debate a respeito do papel da mulher na sociedade, que muitas vezes se manifesta por meio das redes sociais, tome corpo desde cedo nos espaços institucionais e nas relações familiares.

## **5 Considerações finais**

A formatação de um tipo ideal que sirva de referência para as mulheres vem se construindo desde tempos imemoriais e perpassa tanto pelo “sagrado” como pelo “profano”. O sistema patriarcal, movido e referendado pelo modelo capitalista de sociedade, ao qual ainda estamos submissos(as), insiste em perpetuar um modelo de família tradicional, que não condiz com a realidade.

A “mulher maravilha”, que foi sucesso nas séries televisivas na década de 1970 e voltou a ter destaque recentemente nos cinemas, necessita de superpoderes para dar conta de uma jornada tripla de trabalho e ainda estar ao “gosto masculino” no que diz respeito aos cuidados com a estética, sempre aparentando um ar saudável e jovial.

As “bruxas” ainda estão à solta e precisam ser sacrificadas em praça pública. Os altos índices de feminicídio que vêm sendo registrados em todo o país corroboram essa afirmativa. Tanto na idade média como nos dias atuais, a justificativa é a mesma: os atributos relacionados ao poder do “encantamento feminino”.

Sabe-se pelos relatos fornecidos pela imprensa que a maior “justificativa” para os assassinatos de mulheres tem sido a inconformidade com o término dos relacionamentos, ou por questões de ciúme dos companheiros. Eis aí um “beco sem saída para as mulheres”. A beleza e juventude, admirada pelos homens, pode acabar se convertendo em armadilha mortal.

Segundo Freire (2005), ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Assim sendo, o poder decisório a respeito de como nós, do sexo feminino, nos vestimos, comportamos, escolhemos nossas carreiras e pessoas para compartilhar momentos da vida não está ao encargo de terceiros.

Infelizmente, o espaço institucional mais apropriado para essas reflexões, que seria a escola, ainda se mantém nos moldes de uma educação “bancária” conteudista, que parece estar alheia às mazelas da comunidade e do território ao qual pertence. A necessidade da participação da esfera educacional no processo de transformação do ser humano, para que este possa transformar o mundo, também foi observada pelo educador Paulo Freire (FREIRE, 1979).

Em suma, o lugar da mulher é onde ela quiser estar, sem ter que ser penalizada pela sobrecarga de afazeres, sem ter que provar a sua competência no mercado de trabalho para que tenha o direito de receber um salário igual ao dos homens.

## Referências

AIDAR, Laura. Pietá de Michelangelo: análise da escultura. **Toda Matéria**, [s. l.], c2011-2023. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/pieta-de-michelangelo/>. Acesso em: 01 ago. 2022.

BEZERRA, Juliana. Origem do funk. **Toda Matéria**, [s. l.], c2011-2023. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/origem-do-funk/>. Acesso em: 1.º ago. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD**. 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>. Acesso em: 30 jul. 2022.

BRASIL. **Programa de Prevenção, Assistência e Combate à Violência contra a Mulher — Plano Nacional**. Diálogos sobre violência doméstica e de gênero: construindo políticas públicas. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2003. 68 p.

CONHEÇA O BRASIL — população-educação. Disponível em: <http://educa.ibge.gov.br>. Acesso em: 30 jul. 2022.

CORRÊA, M. Repensando a família patriarcal brasileira. *In*: ARANTES, A. A. *et al.* **Colcha de retalhos**: estudos sobre a família no Brasil. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1994.

D'ALONSO, G. L. Trabalhadoras brasileiras e a relação com o trabalho: Trajetórias e travessias. **Psicol. Am. Lat.**, São Paulo, n. 15, 2008. Disponível em: <http://www.psi.org.br/scielo>. Acesso em: 23 set. 2010.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Ed. Elefante, 2017.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Trad. Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

MINUCHIN, Salvador. **Família, funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MIOTO, R. C. T. Família e Serviço Social: contribuições para o debate. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 55, nov./fev.1997.

NEUMAM, Camila. Barbie cria boneca de cientista brasileira que sequenciou o genoma da COVID 19. **CNN Brasil**, São Paulo, 4 ago. 2021. Disponível em: <http://www.cnnbrasil.com.br>. Aceso em: 30 jul. 2022.

OSÓRIO, Luis. **Casais e famílias**: uma visão contemporânea. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla (org.). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Caderno de Pagu**, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. DOI 10.1590/S0104-83332001000100007

SILVA, Maria. **O Plutarco historiador**: análise das biografias espartanas. São Paulo: Edsup, 2006. p. 16-23.

STREY, Marlene. Gênero, família e sociedade. *In*: STREY, M. N.; NETO, J. A. S.; HORTA, R. L. (org.). **Família e gênero**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

“VAI MALANDRA” bate recorde de visualizações em 24h. **Blog do Jornalista Amaury Jr.**, 19 dez. 2017. Disponível em: <https://amauryjr.blog.bol.uol.com.br>. Acesso em: 30 jul. 2022.

VERONEZE, Renato. **Debates contemporâneos do serviço social**. Curitiba: Intersaberes, 2022.